

NIGÉRIA CONTEMPORÂNEA: RAÍZES DA INSURGÊNCIA DOMÉSTICA E IMPLICAÇÕES REGIONAIS

Contemporary Nigeria: roots of the domestic insurgency and regional implications

Rafael Corrêa Xavier¹
Eduardo Ernesto Filippi²

Introdução

A superioridade nigeriana nos índices econômicos, populacionais e militares transformam o país no Gigante Africano e líder continental. Desde sua independência em 1960, a Nigéria passou por uma Guerra Civil³, golpes militares e períodos republicanos, sendo o atual o mais longo da história. A evolução deste país através dos anos é notável mesmo após mais de um século e meio de colonização e interferência do Reino Unido, conforme Ribeiro define o caso como sendo “[...] o resultado mais negativo da política britânica de administração imperial indireta e de agrupamento territorial artificial.” (RIBEIRO, 2012, p. 94). O efeito desta política junto à Conferência de Berlim de 1885 foi a unificação de diferentes povos⁴, de regiões distintas, etnias e culturas sem nenhum limite social, geográfico ou ecológico pré-existentes, conflitantes entre si e que muitos continuam suas vidas centralizadas em comunidades locais centenárias em detrimento do poder federal.

A despeito de muitos aspectos positivos, sua economia ainda está em desenvolvimento e o país atualmente atravessa uma crise política e securitária de proporções críticas que impactam também os países fronteiriços fragilizados. As dicotomias são tangíveis, como o Sul cristão, econômica e politicamente mais avançado – para os padrões ocidentais – e o Norte muçulmano, pobre e feudal. Ademais, o número de nigerianos vivendo na pobreza aumentou 55% na última década ao passo que o número de milionários desde 2007 aumentou 44% (CALDERWOOD, 2014). Esses são resultados que necessitam uma condução delicada.

Outrossim, a presença de grupos insurgentes fundamentalistas no nordeste nigeriano, como o Boko Haram, que ataca civis indiscriminadamente (tanto muçulmanos quanto cristãos independentemente da

¹ Especialista em Estratégia e Relações Internacionais Contemporâneas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: rafaelcxavier87@gmail.com

² Doutor em Economia Política pela Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines (UVSQ) e Professor Associado na UFRGS. Email: edu_292000@yahoo.com.br

³ Guerra do Biafra de 1967-70, onde a província separatista do Biafra pleiteou a independência, mas perdeu a contenda para a Federação. É estimada a morte entre de 1 e 3 milhões de pessoas neste período.

⁴ A Nigéria possui entre 250 e 400 grupos étnico-linguísticos. (PADEN, 2008, p. 7).

localização), traz atenção internacional negativa, bem como diminuição de investimentos na região que mais carece. Há anos esta situação implica em milhões de pessoas internamente deslocadas, refugiados, milhares de mortos, atividades militares constantes de todos os Estados da região e se transforma em uma ameaça humanitária, securitária e econômica. Neste artigo serão discutidas algumas razões para os acontecimentos atuais através de uma análise macro e histórico-descritiva dos casos-chave.

Conjuntura nigeriana e regional

Localizado no Golfo da Guiné, apesar de ser o 14º país em extensão territorial da África, com 923768km², a Nigéria é o mais populoso, com cerca de 182 milhões de pessoas. Está dividido em 36 estados, com a capital Abuja na região central e a cidade mais populosa, Lagos, ao sul.

Entre os países limítrofes, a Nigéria se destaca expressivamente. Para entender sua potencialidade, compara-se aos vizinhos (Tabela 1), a oeste Benin, ao norte Níger, ao nordeste Chade e ao leste Camarões.

Figura 1 – Mapa da Nigéria



Fonte: Maps of the World (2015)

Nos últimos 25 anos o PIB anual nigeriano cresceu 1564%, ao passo que a média de crescimento dos seus vizinhos foi de 402% neste mesmo período. A proporcionalidade também aumentou consideravelmente, onde em 1990 a Nigéria representava 64% do total do PIB nesta região, em 2015 este peso alcançou 90%.⁵

⁵ Ver tabela completa dos últimos 25 anos no Apêndice A.

Tabela 1 – Relação do PIB anual (em bilhões de USD) e sua proporção entre Nigéria e os países fronteiriços nos últimos 25 anos (1990-2015)

Ano	Nigéria		Camarões, Níger, Chade e Benin		PIB Total
	PIB	%	PIB Conjunto	%	
1990	30,757	64%	17,33	36%	48,087
1995	28,546	67%	14,229	33%	42,776
2000	46,385	76%	15,039	24%	61,425
2005	112,248	78%	31,443	22%	143,691
2010	369,062	89%	46,969	11%	416,031
2015	481,066	90%	55,706	10%	536,772

Fonte: World Bank, 2016

Acrescenta-se uma comparação com a liderança de longa data da África do Sul (Tabela 2), e percebe-se que desde o início da Quarta República (1999) houve uma notável mudança no peso econômico entre as duas potências:

Tabela 2 – Comparação da evolução e proporcionalidade dos PIBs anuais (em bilhões de USD) nigeriano e sul-africano nos últimos 25 anos (1990-2015)

Ano	Nigéria		África do Sul		PIB Total
	PIB	%	PIB	%	
1990	30,757	22%	112,014	78%	142,771
1995	28,546	16%	155,46	84%	184,007
2000	46,385	25%	136,361	75%	182,747
2005	112,248	30%	257,772	70%	370,021
2010	369,062	50%	375,349	50%	744,411
2015	481,066	61%	312,797	39%	793,863

Fonte: World Bank, 2016

Segundo Chete (2014) a economia nigeriana é típica de um país em desenvolvimento. Tem sua maior força no setor primário através da exploração de petróleo e gás, descoberto em 1958 no delta do rio Níger, região predominantemente cristã (ODULARU, 2007), conforme percebe-se na Figura 2. Esta fonte continua dominando o PIB nigeriano, com mais de 95% da receita de exportações, influência direta na positividade do saldo da balança comercial e responsável por 85% da receita do Governo entre 2011 e 2012. (CHETE et al., 2014).

Figura 2 – Concentração de poços petrolíferos na Nigéria



Fonte: Le Monde diplomatique, 1999.

Logo após a independência em 1960 a agricultura era o sustento principal da maioria da população. O processo de substituição de importações iniciado junto ao primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento (1962-68) tinha como objetivo mobilizar os recursos econômicos nacionais e implantá-los numa base de custo-benefício entre projetos em disputa em uma tentativa de desenvolvimento industrial. Mesmo com outros três destes Planos que seguiram em diferentes circunstâncias, épocas e escopos, os esforços governamentais não surtiram efeito desejado no peso do setor industrial e manufatureiro para a economia. Em 2011 aquele setor contribuiu para 6% da atividade econômica e este somente 4% do PIB. (CHETE et al., 2014).

Em 2014 a administração do então presidente Goodluck Johnathan criou o Plano Revolucionário Industrial Nigeriano (*Nigeria Industrial Revolution Plan – NIRP*) que possui a filosofia de criar uma vantagem competitiva nigeriana, aumentar o escopo de indústria, e acelerar a expansão do setor manufatureiro. O NIRP adota tanto uma abordagem direta quanto indireta para a promoção da industrialização e objetivos de acelerar a capacidade industrial nigeriana em 5 anos e aumentar a contribuição das manufaturas do PIB de 4% para 10% até 2017. (NIRP, 2014). De acordo com este documento oficial, as fraquezas da indústria nigeriana são a infraestrutura, inconsistência política, pouca ou nenhuma instituição de fomento industrial, pouca habilidade e inovação industrial, metodologia e padrões inadequados, competição fraca e comércio justo, regime tarifário, poder de compra do consumidor e pouco patrocínio para produtos nacionais. As ameaças são as recentes descobertas globais de petróleo e gás, aumento da competitividade industrial por países como Indonésia e México e tendências em políticas comerciais. Já as forças são abrangentes, como a abundância de matérias-primas e força laboral, mercado interno imenso com quase 200 milhões de pessoas, localização estratégica no Golfo da Guiné e influência política internacional. Percebe-se que há o potencial no seu carro-chefe de diversificar sua economia. Ademais, de acordo com o presidente da Corporação Nacional Nigeriana de Petróleo (CNNP), o país pretende começar ainda em 2017 as perfurações na Bacia do

Lago Chade em busca de novos poços petrolíferos no extremo nordeste, a qual demandará atenção especial, posto que é a região onde se encontra o ponto focal dos conflitos atuais (THIS DAY, 2017).

No entanto, segundo Virginia Comolli, a Nigéria parece estar andando em duas velocidades econômicas e com paradoxos no mínimo insólitos. Sem embargo do constante crescimento econômico deste século, em 2004, de acordo com BBC News, 54,7% da população vivia em extrema pobreza e em 2010, alarmantes 60,9%. A disparidade aumenta quando se divide o país em dois hemisférios latitudinais, onde a pobreza no sul assola 27% da população, ao passo que no norte o número sobe para 75% (COMOLLI, 2015).

Incluso na ampla quantidade de grupos étnico-linguísticos, três se destacam: os Hausa-Fulani, Yoruba e Igbo com 24% no Norte, 18% à Oeste e 15% ao Leste respectivamente (Mapa 3). Detentores da quinta maior população de muçulmanos do mundo (COOPERMAN et al, 2015), mesmo com a dificuldade na assertividade da avaliação, é estimado que os nigerianos são em sua maioria muçulmanos sunitas (hausa ao norte, aproximadamente 50%), cristãos (igbo ao leste, cerca de 40%) e animista (oeste, 10%). (PADEN, 2008). Os países fronteiriços seguem basicamente uma extensão da divisão religiosa nigeriana, onde Camarões tem maioria cristã (aproximadamente 70%), Chade com maioria muçulmana (cerca de 55%), Níger praticamente na totalidade muçulmano sunita (em torno de 97%) e o Benin, com maioria cristã (por volta de 47%).

A força militar nigeriana, a qual é a melhor equipada e financiada do Oeste Africano, desempenha um importante papel nas missões de manutenção de paz da União Africana. Em 2014 a Ministra de Finança, Ngozi Okonjo-Iweala anunciou a aprovação de 20% do orçamento anual para a Defesa e afirmou que nenhuma quantia de dotação orçamentária pode ser suficiente para os militares (PREMIUM TIMES NIGERIA), principalmente neste momento de conflitos internos. Conforme o banco de dados e o ranking africano do Global Fire Power⁶, as forças armadas da Nigéria estão em quarto lugar, Chade em décimo quinto, Camarões em vigésimo e Níger em vigésimo segundo.

A quarta república

O novo período republicado do país começa em 1999, após quinze anos de lei marcial e teve como primeiro presidente Olusegun Obasanjo, sulista cristão, do Partido Democrático Popular (People's Democratic Party - PDP) por oito anos (1999-2007). Diz-se que, apesar de ser o maior período sobre lei civil na história do país, muitos acreditam que Obasanjo conquistou este feito manipulando o sistema político, resultando na criação de um sistema democrático instável, adendo ao pouco esforço do presidente para atuar em alguns impasses sociais que continuam a assolar a Nigéria, como tensões étnicas e regionais (PADEN, 2008). Economicamente o país conquistou grandes avanços, como o aumento do PIB per capita anual que em 2000 era de \$377 dólares e atingiu \$804 dólares em 2005 (WORLD BANK, 2016).

Em maio de 2007 fez-se um acontecimento nunca antes visto no país: um presidente sucedeu outro através de eleições democráticas após os seus dois mandatos. Era a vez de Umaru Yar'Adua, muçulmano

⁶ Instituição que avalia o poder militar dos estados levando em consideração diversos indicadores qualitativos e quantitativos. A pontuação dos países supracitados no levantamento em 2016 são Nigéria com 0.7856, Chade com 1.8307, Camarões com 2.2407 e Níger com 2.4719, onde 0.0000 é a pontuação perfeita. Benin não teve seu ranking associado.

setentorial, também do PDP e escolhido a dedo por Obasanjo, vencer as eleições conturbadas e com indícios de corrupção (LAWAL, 2015), junto ao seu vice-presidente Goodluck Johnathan. As eleições aconteceram com poucos casos de violência registrados. Com a vitória de um candidato de um estado do norte, era grande a esperança de que as tensões étnicas e religiosas seriam mais bem gerenciadas.

A Quarta República trouxe consigo alguns acordos tácitos, como o de alternância no poder, qual seja, um termo teria o governo federal conduzido por um presidente cristão e seu vice seria muçulmano, outro termo seria o contrário. No entanto, o ex-presidente Goodluck Johnathan não manteve o acordado e em 2011 concorreu para a presidência de novo – após tomar posse enquanto vice-presidente em 2010, frente à morte do então presidente Yar'Adua – e ganhou as eleições do seu concorrente direto Muhammadu Buhari, ex-militar e ex-Chefe de Estado após um golpe militar na década de 1980, do partido Congresso para a Mudança Progressiva (*Congress for Progressive Change* – CPC). Novamente, o processo eleitoral foi conturbado e com diversas acusações de fraudulência, aumentando ainda mais as disputas. Eleitores muçulmanos de Buhari não aceitaram a derrota e atacaram cristãos no norte, onde estes retaliaram nos locais de maioria cristã, ocasionando quase mil mortes. (FALOLA, 2014). É neste momento que alguns nigerianos começam a questionar ainda mais o regime democrático, visto que até então somente um partido, o PDP, houvera conduzido a federação na nova república, dominando desde o início os processos eleitorais.

O último sufrágio em 2015 teve os mesmos grandes concorrentes da anterior. Goodluck, ainda concorrendo pelo PDP, e Buhari, agora pelo Congresso de Todos Progressistas (All Progressives Congress – APC). Apesar do ceticismo internacional para estas eleições e de pequenos indícios de fraude, a Nigéria deu mais um passo positivo em direção à consolidação democrática. Com uma margem pequena de votos e uma campanha embasada no combate à corrupção e ao Boko Haram, o Major General Buhari vence as eleições e, pela primeira vez na história do país, houve sucessão de presidentes civis de diferentes partidos.

O ex-presidente Johnathan diz ter cumprido sua promessa ao prover eleições livres e justas. Muhammadu Buhari, muçulmano nascido no norte nigeriano, é visto como incorruptível e detentor do pulso firme necessário para lidar com a atual crise securitária. (CAMPBELL, 2015). Não obstante, a longa governança cristã e a disparidade socioeconômica entre norte e sul através dos anos fomentaram a descrença no Estado de direito por parte dos muçulmanos, fazendo com que surgisse uma tendência no final do século passado que alimentaria ainda mais as disputas religiosas.

A origem da insurgência e a influência islâmica

Atualmente o termo lei islâmica carrega conotações negativas para o público geral ocidental e remete normalmente a mutilações e apedrejamento de mulheres. Todavia, essa concepção não condiz com o modo de vida de cerca de 20% da população mundial, que é muçulmana. De acordo com Kamali (2008) a lei islâmica ou Sharia (*Shari'ah*) literalmente significa “caminho para procura da felicidade e salvação” e como tal, tem sua “principal preocupação com o conjunto de valores que são essenciais para o islã e a melhor maneira de protegê-lo”. (KAMALI, 2008 p.13). Para entender o surgimento de grupos como o Boko Haram,

deve-se dar atenção especial à lei islâmica e sua ascensão, bem como à identidade religiosa, a qual é determinante, entre outros fatores, para a tendência de conflitos, orientação para autoridades e possibilidade de solução de conflitos. Foi após a Guerra do Biafra, na década de 1970, que as tensões religiosas se intensificaram unidas à influência da Revolução Iraniana de 1979. No momento do retorno para o regime democrático em 1999, o estado de Zamfara no norte, governado por Ahmed Sani, começou um movimento que outros onze estados, também do norte, seguiriam: a instauração de uma forma mais estrita da Sharia em diversas esferas jurídicas.

Essa tendência foi acelerada por missionários de países como Líbia, Paquistão e principalmente Arábia Saudita, a qual é sempre citada como exemplo no intuito de promover o Wahhabismo desde a década de 1990, produzindo controvérsia nacional e internacional. Até 2003 milhares de pessoas foram mortas como fruto de choques entre cristãos e muçulmano, inclusive pela maneira em que o âmbito criminal é tratado em alguns destes estados regidos pela Sharia, onde ladrões podem ter membros amputados e pessoas condenadas por adultério podem ter pena de morte por apedrejamento (COMOLLI, 2015). Eventos internacionais também têm se mostrado fundamentais no fomento à insegurança. Em 2006, quando um jornal dinamarquês publicou desenhos do profeta Maomé, dúzias de pessoas morreram em tumultos nas cidades de Maiduguri, Katsina, Bauchi e Onitsha, alertando novamente a fragilidade das tensões religiosas na Nigéria (HUFFINGTON POST, 2012). Muçulmanos e cristãos continuam lutando entre si para conquistar cada vez mais representação nos governos estaduais e federais. Um dos casos mais conhecidos de desacordo sobre um julgamento realizado pelos princípios da Sharia foi o de Safiya Hussaini, do estado de Sokoto, em que esta mulher, solteira, deu à luz e, apesar de alegar estupro, teve sua sentença resultada em pena capital⁷, causando furor de grupos de direitos humanos domésticos e internacionais (ESTADÃO, 2002). Não-muçulmanos criticam estes métodos ao passo que os muçulmanos alegam que os novos códigos legais trouxeram redução significativa nas taxas criminais. E é neste cenário de desavenças e negligência governamental que se nutri o surgimento de grupos insurgentes, em especial o Boko Haram (COMOLLI, 2015).

Boko Haram

John Campbell, ex-embaixador dos Estados Unidos da América na Nigéria explica que a insurgência do Boko Haram “[...] é um resultado direto da má governança crônica dos governos federais e estaduais, a marginalização política do nordeste nigeriano e a pobreza acelerada⁸.” (CAMPBELL, 2014 p. 1, tradução nossa). Conhecido mais internacionalmente em 2014 após o sequestro de 276⁹ meninas estudantes na cidade de Chibok, no estado de Borno, é o grupo extremista islâmico que mais causa mortes em seus ataques, superando o próprio Estado Islâmico. A fundação do grupo que era chamado de “talibã nigeriano” e depois passou a se chamar *Jama’atu Ahlis Sunnah Lidda’awati w’al Jihad* (Povo Comprometido com a

⁷ Após pressão nacional e internacional, houve novo julgamento e a Sra. Hussaini teve sua sentença revogada.

⁸ No original: “[...] is a direct result of chronic poor governance by Nigeria’s federal and state governments, the political marginalization of northeastern Nigeria, and the region’s accelerating impoverishment.”

⁹ Mesmo com grande envolvimento internacional, 218 meninas ainda estão desaparecidas.

Propagação dos Ensinamentos do Profeta e Jihad), ou simplesmente, Boko Haram (BH), gera dubiedade, visto que existem diferentes narrativas quanto a este fato.

Na primeira, segundo Loimeier (2011), as forças armadas nigerianas afirmam que em 1995, na Universidade de Maiduguri, estado de Borno, uma seita religiosa chamada *Ahl ulsunna wal'jama'ah hijra* (Organização de Jovens Muçulmanos) criou um movimento não-violento e conservador, conhecido durante esse período como “talibã nigeriano”, sob a liderança de Abubakar Lwan. A segunda versão é de que jovens fiéis radicais, em uma mesquita em Maiduguri, tornaram-se grandes críticos da administração da cidade e dos estabelecimentos religiosos, os quais seriam corruptos e teriam perdido os valores islâmicos, fazendo com que este grupo de jovens se isolassem. Sob a liderança de Mohammed Yusuf, este estabelece o Ibn Taymiyyah Masjid, uma mesquita que leva o nome de Ibn Taymiyyah, não por acaso, mas para fazer uma honra ao teólogo do século XIII, inspirador de diversos movimentos ultra-Salafistas¹⁰, similar à linha ideológica de Yusuf. Este salafismo tem como base a rejeição de influências externas não-muçulmanas e normalmente é um movimento violento. Na prática, o ultra-Salafismo é ainda mais estrito e normalmente sua ideologia fundamentalista conflita com outras religiões e até com linhas mais moderadas do islã. Outra versão da criação do BH declara que Mohamed Yusuf estabeleceu a seita ainda no século passado sob o nome de *ahl al-sunna wa-l-jama'a wa-l-hijra*. Yusuf seria um estudante de um importante clérigo chamado Sheikh Ja'far Mahmud Adam, que veio a criticá-lo por uma série de eventos, principalmente pela rejeição da educação ocidental e da complacência de ações militares contra o estado nigeriano. Logo antes das eleições de 2007, Adam foi assassinado e este ato é creditado à Yusuf. Assim, a reconciliação entre a seita e as associações religiosas do norte da Nigéria ficou ainda mais distante. Em todas as versões a presença de Mohamed Yusuf é constante. Este líder conseguiu através de seu carisma conquistar cada vez mais fiéis, que vinham de outros estados e outros países para ouvi-lo e seguir seus ensinamentos. Yusuf foi morto por agências governamentais em 2009 enquanto preso. Este foi um momento crítico para o grupo, trazendo à tona uma nova liderança e uma necessidade de vingança, desta vez sob o comando de Abubakar Shekau, responsável pelas ações do grupo como as conhecemos hoje. (COMOLLI, 2015).

De fato, o nome Boko Haram foi muito utilizado pela mídia e por grupos contrários em Maiduguri, e significa, em Hausa “educação ocidental é pecaminosa” ou “educação ocidental é proibida”. Salvo o pragmatismo na tradução e na semântica, seus membros nunca assimilaram esse nome. Shekau reiterou em 2012 após uma série de explosões que mataram quase duzentas pessoas no estado de Kano, que o grupo se autodeclara *Jama'atu Ahlissunnah Liddaawati wal Jihad*. Seu pronunciamento segundo notícia do Saharareporters (2012) foi:

Em nome de Alá, Paz e Misericórdia! Nós somos o grupo chamado de ‘proibido’ que é o Boko Haram, mas nós amamos nos chamar de *Jama'atu Ahlissunnah Liddaawati wal Jihad*. Essa mensagem é para todos os habitantes do estado de Kano, em especial as agências de segurança que estão prendendo nossos irmãos e dizendo à mídia que eles são ladrões e assaltantes armados. Esses são nossos irmãos que estão prendendo. Nós não temos o direito de atacar quem não nos ataca, mas nossa guerra é contra o governo que luta contra muçulmanos, suas agências de segurança e cristãos (sob a liderança da Associação Cristã Nigeriana – Nigerian Christian Association), aqueles que matam muçulmanos e até comem suas carnes e todos os outros que ajudam as agências de segurança mesmo sendo muçulmanos.

¹⁰ Salafismo por vezes é associado ao Wahhabismo e se refere à um movimento do islã sunita que tem como característica a literalidade e pureza na interpretação do *hadith* e do livro sagrado, o Qur'an.

Qualquer um que esteja complacente com a prisão dos nossos irmãos deve esperar uma visita nossa. Mensagem do Líder Jama'atu Ahlissunnah Liddaawati wal Jihad. Imam Abu Muhammad Abubakar Bin Muhammad (Shekau).¹¹

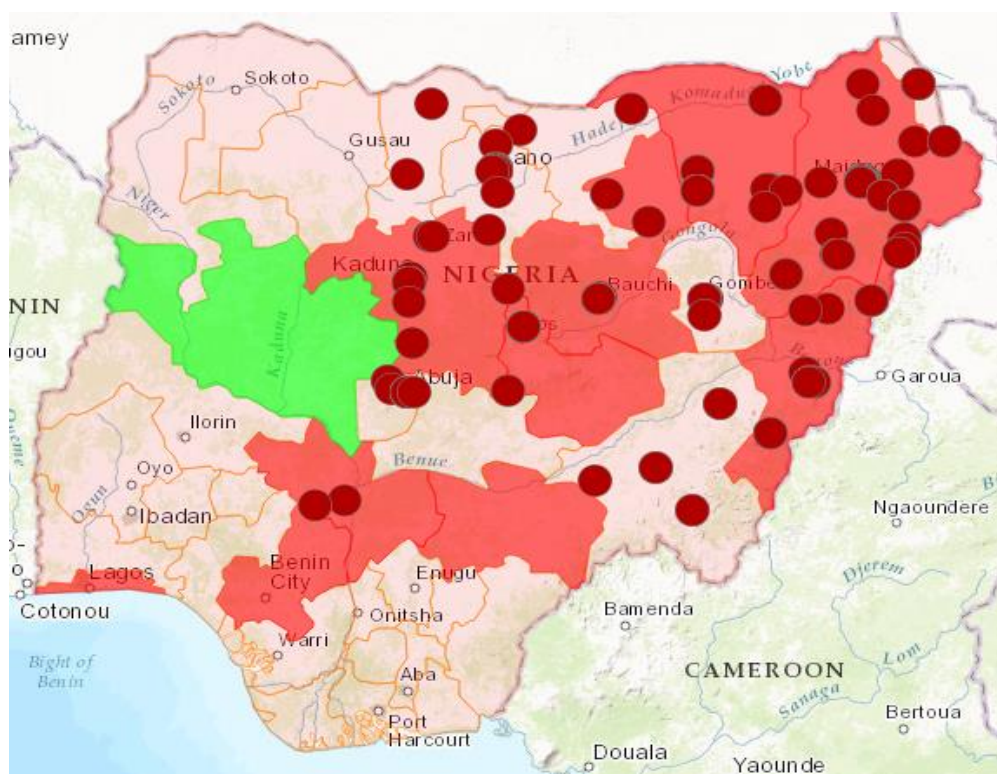
A escalada da violência

Independentemente de um começo não-violento, hoje em dia o BH detém as maiores taxas de letalidade do mundo em relação aos outros grupos insurgentes. Ao assumir a liderança, Shekau transformou o *modus operandi* do grupo aplicando sequestros para recompensas, atentados suicidas com bombas, retaliação e apreensão de patrimônios públicos.

Em 2015 o Global Terrorism Index mostrou dados de 2014 em que este grupo, a despeito de um número menor de ataques, foi responsável pela morte de aproximadamente 6.644 pessoas, ao passo que o Estado Islâmico (EI) foi o motivador de cerca de 6.073 mortes. O alcance dos ataques não se manteve somente no nordeste, ponto focal das ações do BH, mas também foram registrados ataques em Abuja e em Lagos, situada no extremo sul como se pode verificar na Figura 3. O desafio para a população é a violência que se apresenta também das forças de segurança do governo, a qual atua indiscriminadamente e sem julgamentos em regiões mais afastadas. Este conjunto de situações, somada ao medo da punição pela desobediência e por mais contra produtivo que possa parecer, faz com que uma parte do povo nigeriano apoie o BH e suas ações. Sendo estes os motivos ou não, é importante analisar a pesquisa do Pew Research Center de 2014, a qual mostra cerca de 10% dos nigerianos de alguma maneira favoráveis ao BH. Levando em consideração a população total do país, isso implicaria numa quantidade de 18 milhões de pessoas, seja esta quantidade para mais ou para menos, tornando-se em um número alarmante de possíveis novos militantes ou recrutas.

¹¹No original: "In the name of Allah, Peace and Mercy! We are the group called 'forbidden' that is Boko Haram but we love to call ourselves Jama'atu Ahlissunnah Liddaawati wal Jihad. This message is to all inhabitants of Kano State especially the security agencies, those arresting our brothers and telling the media they are arresting thieves or armed robbers. These are our brothers they are arresting. We don't have the right to attack those who don't attack us but our war is with the government fighting Muslims, its security agencies and Christians (under C. A. N), those killing Muslims and even eating their flesh and all those helping security agents even if they are Muslims. Anybody who becomes an accomplice to arresting our brothers should wait for our visit." The message ended with the words, "Message from Leader Jama'atu Ahlissunnah Liddaawati wal Jihad. Imam Abu Muhammad Abubakar Bin Muhammad (Shekau)."

Figura 3 – Ataques domésticos do Boko Haram



Fonte: Al Jazeera, 2015

O novo presidente, Muhamadu Buhari, que em 2015 dissera ter tecnicamente derrotado o BH, afirmou que o grupo está terminado como força de combate (NEWSWEEK, 2016). Diferentemente do antigo presidente, Jonathan Goodluck, que em 2015 durante uma entrevista ao *Wall Street Journal* solicitava intervenção internacional, principalmente americana. A administração do então presidente americano Barack Obama também foi pressionada pelo seu Congresso, que designou este grupo como uma organização terrorista e oferece milhões de dólares como recompensa para informações que levem ao paradeiro do líder A. Shekau (BBC NEWS, 2013). Ademais, por solicitação da própria Nigéria, o Conselho de Segurança da ONU adicionou o BH à lista de “Entidades Associadas à Al-Qaeda”, mas em 2015 a própria liderança do grupo formalmente anunciou aliança ao EI (BBC NEWS, 2015).

Implicações para a região

A pesquisa de Virginia Comolli nos mostra que a economia local foi severamente afetada, uma vez que o aumento da violência exerce nos comerciantes uma ameaça ao abrir seus estabelecimentos e barreiras temporárias em nome da segurança impedem o fluxo de mercadorias e pessoas para os vizinhos nigerianos. Ainda, investimento estrangeiro em infraestrutura tem sido mais enxuto, pois se conhece o potencial do BH em confiscar e controlar territórios. Os ataques indistintos do BH têm seu epicentro no estado de Borno no extremo Nordeste e efeito na economia através da instabilidade proporcionada à produção agrícola no Norte, setor que representa 20% do PIB nigeriano, e a grande redução de comércio relacionados com vizinhos Chade, Níger e Camarões.

O BH soube explorar muito bem os laços culturais, étnicos e religiosos que Chade, Níger e Camarões compartilham com o nordeste nigeriano. O protocolo de Livre Circulação de Pessoas do CEDEAO (Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental) da mesma forma auxiliou no fluxo de militantes, tráfico de armas e no esconderijo de fugitivos das forças de segurança nigerianas. Nos anos iniciais do BH, novos recrutas costumavam atravessar a fronteira para ouvir as preces do líder Yusuf. Por isso, em 2012 na cúpula do CEDEAO, o Chefe do Estado-Maior da Nigéria, Oluseyi Petinrin, afirmou que o problema do BH não é somente da Nigéria, mas também dos seus vizinhos e clamou por uma ação conjunta para controlar a situação (PREMIUM TIMES, 2012). Devido à insuficiência de poder, alguns governos têm receio de lançar grandes campanhas contra o BH, visto a grande influência em seus territórios e possíveis retaliações.

O vizinho ao norte, Níger, exerce uma função especial, visto que é o território entre Nigéria e Mali, e este vive uma crise securitária¹² desde 2012, necessitando intervenção militar internacional sob liderança da França. Assim, o BH enxergou uma oportunidade de cooperação com grupos afiliados da al-Qaeda que combatem no norte do Mali, portanto, aumentando o fluxo de financiamentos entre eles. Há também indícios de envolvimento com o grupo extremista islâmico somaliano al-Shabaab. Em 2014 a Reuters Africa informou que o General Seyni Garba, chefe militar nigerino, prendeu militantes do BH treinados em Mali enquanto estes atravessavam o Níger.

O Chade está bastante próximo do núcleo das atividades do BH, mas a topografia serve de proteção ao país, visto que o único elo com a Nigéria é o Lago Chade, prevenindo uma atuação mais afirmativa como acontece com Níger e Camarões. Entretanto o governo chadiano realiza pesquisas e mantém seu controle de fronteira alerta. Um dos processos adotados em 2014 é um acordo entre Camarões e Chade que prevê a liberdade de entrada das forças militares em caso de perseguição de militantes suspeitos.

As tensões de anos atrás entre Nigéria e Camarões sobre a limitação na região de Bakassi, rica em petróleo, foram superadas através de negociações e conduções exemplares. (THE GUARDIAN, 2014). Este histórico auxilia no tratamento do perigo da fronteira de hoje. As implicações negativas para Camarões são explícitas, uma vez que este é um dos grandes parceiros comerciais africanos da Nigéria¹³ e divide ampla extensão fronteira. Além de movimentações militares constantes camaronesas, a instabilidade produz impacto profundo na economia da região. Em Amchide, cidade ao norte de Camarões, 90% das pessoas trabalham com comércio e o fechamento da fronteira dificulta ainda mais o sustento da maioria das famílias. Ademais, esta situação se traduz em um aumento de preço das *commodities*, tanto com o aumento de controle de fronteira quanto com o medo de alguns comerciantes ao viajar para a Nigéria atrás de suprimentos, fazendo com que os camaroneses tenham que pagar até 50% a mais em produtos como o açúcar e ainda indispor de outros produtos antes disponíveis. (KINDZEKA, 2014).

O *Internal Displacement Monitoring Centre* (IDMC, 2016) afirma que até final de 2015, quase 2 milhões de pessoas se deslocaram dentro do país como resultado de ataques. Ademais, centenas de milhares de pessoas se refugiaram pela região após a intensificação dos ataques, onde do total destas cerca de 70%

¹² Após um *coup d'état* militar e um movimento de secessão no norte em 2012, Mali se encontrou em grande crise securitária, necessitando de intervenção militar do CEDEAO e da ONU, haja vista a gravidade da fome e da violência sofrida pela população.

¹³ Relação dos destinos das exportações nigerianas estão disponíveis em: <<http://atlas.media.mit.edu/en/profile/country/nga/>>

são mulheres e crianças. Organizações não-governamentais informam que existe dificuldade na localização destas pessoas, avaliar suas necessidades e intervir em condições seguras. As vilas que recebem os refugiados correm grande risco de escassez alimentar, visto que em alguns casos o número de pessoas triplica.

Buhari, em apresentação à Assembleia Geral da ONU, mostrou atenção especial ao caso do terrorismo nacional. Afirmou que com uma estratégia robusta e forte, a Nigéria e seus vizinhos Camarões, Chade e Níger mais Benin estão trabalhando juntos para encarar esta ameaça comum para o quadro regional da Comissão da Bacia do Lago Chade. Acrescentou que estes países estabeleceram uma força tarefa multinacional conjunta para confrontar, degradar e derrotar o BH (UN News Center, 2015).

Objetivos da insurgência

Normalmente grupos terroristas nacionalistas têm objetivos políticos ou ideológicos factíveis e perceptíveis que por fim acabam ou desistindo de seus interesses, por derrota do estado, ou assumem parte na política com partidos de oposição, (TOWNSHEND, 2011), o qual não é o caso do BH. Ainda sem definição explícita, é colocando demandas não-negociáveis e usando a violência como meio principal que este grupo escolhe uma opção fora do processo político. Jurando-se lealdade ao Estado Islâmico, é esperado que o objetivo seja idêntico, qual seja, a criação de um califado. No entanto, ainda é uma incógnita quem será o califa, tampouco se existirão um ou dois, devido à distância geográfica entre Síria, Iraque e Nigéria.

Considerações Finais

Haja visto que o problema do BH se estende a todos os países da região, o oeste africano está atento às dificuldades que grupos insurgentes como este podem afligir. Aliado à diplomacia de *America First* do atual presidente americano Donald Trump e a eventualidade de uma ausência de ajuda dos Estados Unidos no combate às insurgências locais, apresenta-se uma oportunidade única para as organizações africanas, como o CEDEAO, mostrarem a consolidação e coesão de suas políticas. Inclusive, abre-se uma brecha para uma possível evocação do princípio *h* do artigo quarto do Ato Constitutivo¹⁴ da União Africana (UA).

Do ponto de vista nacional nigeriano, conclui-se que a supremacia de hoje advém da construção do país através da exploração das riquezas nacionais ao longo das últimas décadas, restando ainda muito para ser usufruído e aperfeiçoado. Para entender a ascensão do Boko Haram, um só fator analisado é insuficiente para ser assertivo na causa ou no efeito, portanto uma visão holística se faz condição vital para elucidação. De qualquer maneira, percebe-se que a religião aliada à desatenção dos governantes para uma região que vêm demonstrando carência há anos, construíram um terreno fértil para que a insurgência tomasse as proporções que demonstra atualmente. É preciso considerar, também, que os líderes do Boko Haram têm suas ideologias baseadas em uma linha religiosa extremista que não harmonizam com a maioria dos muçulmanos no mundo, então faz-se necessário o combate ao discurso generalizador, a fim de não haver

¹⁴ Este princípio possibilita que, através de uma decisão da Assembleia Geral da União Africana, o direito da União em intervir num Estado Membro considerando circunstâncias graves, como crimes de guerra, genocídio e crimes contra a humanidade. Traz-se a ideia desta possibilidade independente de interpretações literais dos princípios. Pode-se acessar o Ato Constitutivo da UA no website <http://www.achpr.org/instruments/au-constitutive-act/#4>

injustiças e incoerências. Concomitante à latência de seu mercado interno, regime democrático cada vez mais sólido e poder de resiliência já demonstrado desde sua independência, a escalada nigeriana deve continuar, com investimentos estrangeiros e novos planos de incentivo governamentais.

A administração Buhari e as futuras governanças nigerianas deverão conscientizar-se de que as atuações rígidas do governo agora serão apenas paliativas e conduzir uma melhor distribuição de renda, especialmente para o norte do país, dando continuidade aos projetos promissores de Goodluck Johnathan, como o NIRP, é imprescindível. Além disso, os obstáculos da saúde do atual presidente devem ser endereçados e resolvidos com assertividade, a fim de que, num eventual falecimento (BBC News, 2017), a estratégia de combate ao extremismo continue sendo executada. A responsabilidade do governo deve ser de criar oportunidades aos cidadãos nigerianos, quaisquer sejam suas religiões, etnias ou regiões de habitação, para que não haja necessidade nem atração para ações insurgentes violentas como as que vemos hoje.

REFERÊNCIAS

- “African Powers Ranked by Military Strength Ranking.” *Global Fire Power*. 2016. Acesso em 18 de Junho de 2017. <http://www.globalfirepower.com/countries-listing-africa.asp>
- Calderwood, Kathleen. “Boko Haram And Nigeria's Economy: Why The Poorest Suffer Most,” *IB Times*. 2014. Acesso em 13 de Janeiro 13 de 2016. <http://www.ibtimes.com/boko-haram-nigerias-economy-why-poorest-suffer-most-1645190>
- “Cameroon-Nigeria border settlement faces tough development challenges.” *The Guardian*. 16 de Fevereiro de 2014. Acesso em 26 de Agosto de 2016. <https://www.theguardian.com/global-development/2014/feb/16/cameroon-nigeria-border-settlement-development-challenges>
- Campbell, John. “Nigeria's New President: Three Things to Know.” *Council on Foreign Relations*. 2015. Acesso em 2 de Março de 2016. <http://www.cfr.org/nigeria/nigerias-new-president-three-things-know/p36588>
- Campbell, John. “U.S. Policy to Counter Nigeria's Boko Haram.” *Council on Foreign Relations*, 70 (2014): 1-29. Acesso em 1 de Abril 1 de 2016. <http://www.cfr.org/nigeria/us-policy-counter-nigerias-boko-haram/p33806>
- Chete, L. et al. “Industrial development and growth in Nigeria: Lessons and challenges,” *United Nations University World Institute for Development Economics Research*, 8 (2014): 1-35. Acesso em 26 de Agosto de 2016. https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/07/L2C_WP8_Chete-et-al-1.pdf
- Comolli, Virginia. *Boko Haram: Nigeria's Islamist Insurgency*. London: Oxford University, 2015.
- Cooperman, Alan et al. “The Future of World Religions: Population Growth Projections, 2010-2050.” *Pew Forum*. 2 de Abril de 2015. Acesso em 15 de Agosto 15 de 2016. <http://www.pewforum.org/2015/04/02/religious-projections-2010-2050/>
- Falola, Toyin e Matthew Heaton. *A History of Nigeria*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- “Fear of Boko Haram Hits Food Prices in Cameroon During Ramadan.” *Voa News*. 2014. Acesso em 18 de Maio de 2016. <http://www.voanews.com/a/fear-boko-haram-hits-food-prices-cameroon-during-ramadan/1949053.html>

- Gaffey, Conor. "Nigeria's President Says Boko Haram is Finished as a Fighting Force." *News Week*. 7 de Dezembro de 2016. Acesso em 12 de Junho de 2017. <http://www.newsweek.com/has-nigerias-buhari-finished-boko-haram-529309>
- Gamilugba, Jonathan. "Nigeria – Cameroon Border Relations: An Analysis of the Conflict and Cooperation (1970-2004)." *International Journal of Humanities and Social Science*, n. 11 (2013): 1-10. Acesso em 26 de Agosto de 2016. http://www.ijhssnet.com/journals/Vol_3_No_11_June_2013/21.pdf
- "Global Terrorism Index." *Institute for Economics and Peace*. 2015. Acesso em 15 de Maio de 2016. <http://economicsandpeace.org/wp-content/uploads/2015/11/Global-Terrorism-Index-2015.pdf>
- Haysom, Simone. "Security and humanitarian crisis in Mali." *Humanitarian Policy Group*, (2014): 1-13. Acesso em 18 de Junho de 2016. <https://www.odi.org/sites/odi.org.uk/files/odi-assets/publications-opinion-files/8829.pdf>
- "Jonathan signs Nigeria's 2014 budget as Defence gets 20 per cent." *Premium Times Nigeria*. 2014. Acesso em 21 de Abril de 2016. <http://www.premiumtimesng.com/business/161390-jonathan-signs-nigerias-2014-budget-defence-gets-20-per-cent.html>
- Kamali, Mohammad. *Shari'ah Law: An Introduction*. Oxford: Oneworld, 2008.
- Lawal, Salahu. "An Appraisal of Corruption in the Nigeria Electoral System." *European Scientific Journal*, (2015): p. 1-18. Acesso em 15 de Junho de 2017. <http://eujournal.org/index.php/esj/article/viewFile/6219/5988>
- Le Monde Diplomatique. *Exploitation pétrolière et gazière*. 1999. Acesso em 25 de Janeiro de 2016. <http://mondediplo.com/local/cache-vignettes/L640xH507/arton2015-2911c.jpg>. Acesso em 25 jan. 2016.
- Loimeier, Roman. *Islamic Reform and Political Change in Northern Nigeria*. Evanston: Northwestern University Press, 2011.
- Mantzikos, Ioannis. "Boko Haram Attacks in Nigeria and Neighbouring Countries: A Chronology of Attacks." *Terrorism Research Initiative*. 2014. Acesso em 26 de Agosto de 2016. <http://www.terrorismanalysts.com/pt/index.php/pot/article/view/391/html>
- Maps of World. *Nigeria*. 2015. Acesso em 25 de Fevereiro de 2016. <http://www.mapsofworld.com/nigeria/> Acesso em: 25 fev. 2016.
- Montclos, Marc-Antoine. "Boko Haram et le terrorisme islamiste au Nigeria: insurrection religieuse, contestation politique ou protestation sociale?" *SciencePo*, 40 (2012): 1-33. Acesso em 3 de Março de 2016. <http://www.sciencespo.fr/ceri/sites/sciencespo.fr.ceri/files/qdr40.pdf>
- "Niger arrests 20 Boko Haram militants in suspected plot". *Reuters Africa*. 17 de Fevereiro de 2014. Acesso em 10 de Agosto de 2016. <http://af.reuters.com/article/topNews/idAFJ0EA1G03B20140217>
- "Nigeria Industrial Revolution Plan." 2014. *Nigeria Export Processing Zones Authority*. Acesso em 26 de Agosto de 2016. <http://www.nepza.gov.ng/downloads/nirp.pdf>
- "Nigéria iniciará exploração de petróleo na Bacia do Lago Chade." *CEBRAFICA*. 2016. Acesso em 23 de Maio de 2016. <https://www.ufrgs.br/cebrafrica/2016/05/02/nigeria-iniciara-exploracao-de-petroleo-na-bacia-do-lago-chade/>
- "Nigeria to begin exploratory oil drilling in Chad Basin by October – NNPC." *Reuters Africa*. 2 de Maio de 2016. Acesso em 24 de Maio de 2016. <http://af.reuters.com/article/investingNews/idAFKCN0XT1AR>

- “Nigeria: More Than 170 Perished In Kano Bomb Blasts.” *Sahara Reporters*. 21 de Janeiro de 2012. Acesso em 14 de Março de 2016. <http://saharareporters.com/2012/01/21/nigeria-more-170-perished-kano-bomb-blasts>
- “Nigeria: Post-Election Violence Killed 800: Promptly Prosecute Offenders, Address Underlying Causes.” *Human Rights Watch*. 16 de Maio de 2011. Acesso em 15 de Fevereiro de 2016. <https://www.hrw.org/news/2011/05/16/nigeria-post-election-violence-killed-800>
- “Nigeria: US 'to name Boko Haram as a terrorist group'”. *BBC News*. 13 de Novembro de 2013. Acesso em 30 de Maio de 2016. <http://www.bbc.com/news/world-africa-24922833>
- “Nigerian Views of Boko Haram.” *Pew Research Center*. 30 de Junho de 2014. Acesso em 15 de Abril de 2016. <http://www.pewglobal.org/2014/07/01/concerns-about-islamic-extremism-on-the-rise-in-middle-east/pg-2014-07-01-islamic-extremism-04/>
- “Nigeriana condenada ao apedrejamento é absolvida.” *Estadão*. 25 de Maro de 2002. Acesso em 20 de Julho de 2016. <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,nigeriana-condenada-ao-apedrejamento-e-absolvida,20020325p45012>
- “Nigerians living in poverty rise to nearly 61%.” *BBC News*. 13 de Fevereiro de 2012. Acesso em 13 de Maio de 2016. <http://www.bbc.com/news/world-africa-17015873>
- “Nigeria's ailing President Buhari misses third cabinet meeting.” *BBC News*. 3 de Maio de 2017. Acesso em 16 de Junho de 2017. <http://www.bbc.com/news/world-africa-39790736>
- “Nigeria's Boko Haram pledges allegiance to Islamic State.” *BBC News*. 7 de Março de 2015. Acesso em 27 de Junho de 2016. <http://www.bbc.com/news/world-africa-31784538>
- “Nigeria's defence chief talks tough, says Boko Haram days are numbered.” *Premium Times Nigeria*. 10 de Março de 2012. Acesso em 10 de Agosto de 2016. http://www.premiumtimesng.com/news/4167-nigeria_defence_chief_talks.html
- Odularu, Olusegun. “Crude oil and the Nigerian economic performance.” *Oil and Gas Business*, (2007): 1-29. Acesso em 15 de Março de 2016. http://ogbus.ru/eng/authors/Odularo/Odularo_1.pdf
- Olugbode, Michael. “NNPC: Oil Exploration to Begin in Lake Chad Basin in Six Months.” *This Day Live*. 16 de Maio de 2017. Acesso em 16 de Junho de 2017. <http://www.thisdaylive.com/index.php/2017/05/16/nnpc-oil-exploration-to-begin-in-lake-chad-basin-in-six-months/>
- Paden, John. *Faith and Politics in Nigeria: Nigeria as pivotal state in the muslim world*. Washington, DC: United States Institute of Peace, 2008.
- Peter, McGraw e Joel Warner. “The Danish Cartoon Crisis of 2005 and 2006: 10 Things You Didn't Know About the Original Muhammad Controversy.” *Huffington Post*. 25 de Setembro de 2012. Acesso em 15 de Junho 2017. http://www.huffingtonpost.com/peter-mcgraw-and-joel-warner/muhammad-cartoons_b_1907545.html
- Salvaterra, Neanda e Drew Hinshaw. “Nigerian President Goodluck Jonathan Wants U.S. Troops to Fight Boko Haram.” *The Wall Street Journal*. 13 de Fevereiro de 2015. Acesso em 10 de Junho de 2017. <https://www.wsj.com/articles/nigerian-president-wants-u-s-troops-to-fight-boko-haram-1423850893>
- Stewart, Philippa e Laurian Gridinoc. “Boko Haram's Bloody Legacy.” *Al Jazeera*. 2015. Acesso em 27 de Agosto de 2016. <http://webapps.aljazeera.net/aje/custom/2014/bokoharamtimeline/index.html>
- Stratfor. *Map – Nigeria's Ethnic Groups*. 2013. Acesso em 12 de Maio de 2016. https://www.stratfor.com/sites/default/files/styles/stratfor_full/public/main/images/Nigeria_ethnic_v3.jpg?itok=18qyurIY

“Terrorism most immediate problem for new Nigerian Government, President tells UN.” *UN News*. 28 de Setembro de 2015. Acesso em 10 de Agosto de 2016. <http://www.un.org/apps/news/story.asp?NewsID=52027#.WUoA9GjyuM8>

Townshend, Charles. *Terrorism: A Very Short Introduction*. 2nd ed. New York: Oxford University Press, 2011.

Visentini, Paulo, Luiz Dario Ribeiro e Analúcia Pereira. *História da África e dos Africanos*. São Paulo: Vozes, 2014.

Visentini, Paulo. *A África na Política Internacional: O Sistema Interafricano e sua Inserção Mundial*. Curitiba: Jurua, 2012.

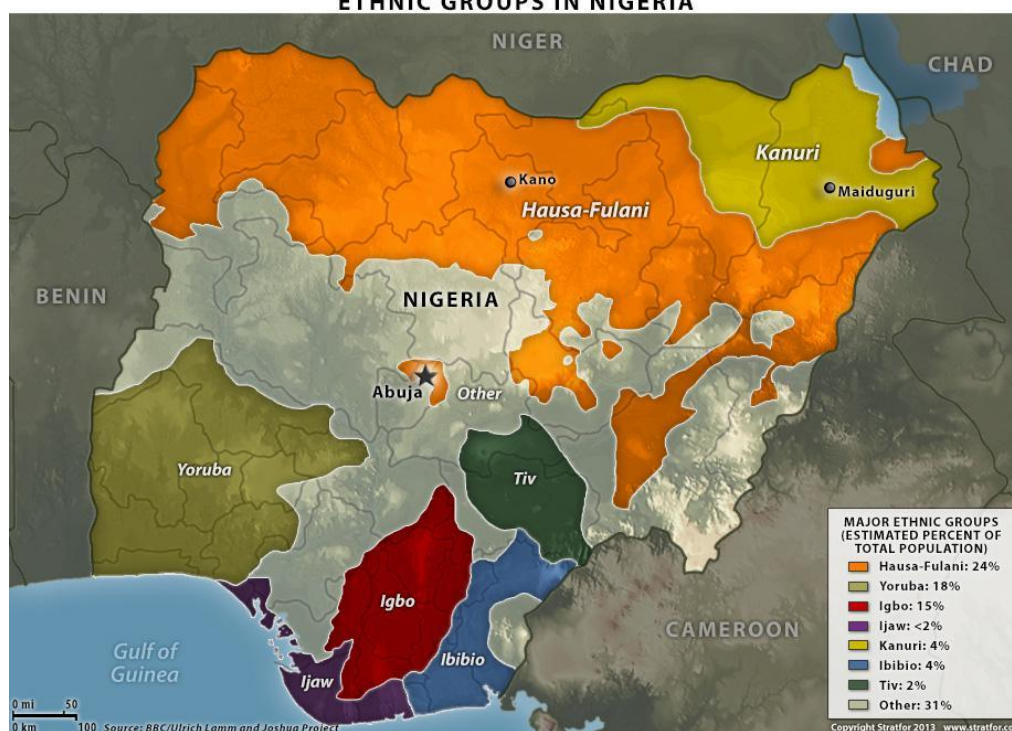
*Recebido em 07 de abril de 2017.
Aprovado em 28 de junho de 2017.*

APÊNDICE A – Tabela com o PIB anual de 1990 até 2015 em bilhões de USD para Nigéria, Camarões, Níger, Chade, Benin e África do Sul

Ano	Nigeria	Camarões	Níger	Chade	Benin	África do Sul
1990	30,757	11,151	2,480	1,738	1,959	112,014
1991	27,392	12,434	2,327	1,877	1,986	120,225
1992	29,300	11,396	2,344	1,881	1,695	130,513
1993	15,789	13,532	1,606	1,463	2,274	134,309
1994	18,086	9,220	1,563	1,179	1,598	139,752
1995	28,546	8,733	1,880	1,445	2,169	155,460
1996	34,987	9,732	1,987	1,607	2,361	147,608
1997	35,822	9,840	1,845	1,544	2,268	152,586
1998	32,004	9,629	2,076	1,744	2,455	137,774
1999	35,870	10,486	2,018	1,534	2,689	136,631
2000	46,385	9,287	1,798	1,385	2,569	136,361
2001	44,138	9,633	1,945	1,709	2,680	121,515
2002	59,116	10,879	2,170	1,987	3,054	115,482
2003	67,655	13,621	2,731	2,736	3,905	175,256
2004	87,845	15,775	3,052	4,414	4,521	228,593
2005	112,24	16,587	3,405	6,646	4,803	257,772
2006	145,42	17,953	3,646	7,422	5,142	271,638
2007	166,45	20,431	4,291	8,638	5,969	299,415
2008	208,06	23,322	5,403	10,35	7,132	286,769
2009	169,48	23,381	5,397	9,253	7,097	295,936
2010	369,06	23,622	5,718	10,65	6,970	375,349
2011	411,74	26,587	6,409	12,15	7,814	416,596
2012	460,95	26,472	6,942	12,36	8,117	397,386
2013	514,96	29,567	7,667	12,94	9,110	366,057
2014	568,49	32,050	8,245	13,92	9,575	349,873
2015	481,066	29,198	7,142	10,888	8,476	312,797

Fonte: World Bank, 2016

ANEXO A – Mapa das etnias na Nigéria
ETHNIC GROUPS IN NIGERIA



RESUMO

Recentemente a Nigéria consolidou-se como um importante *player* global e líder continental. No entanto, sua instabilidade interna, decorrente das ações do grupo insurgente conhecido como Boko Haram, infere na (in)segurança da região. Neste sentido, os autores buscam por meio deste artigo elucidar a conjuntura do país através da observação de uma variedade de indicadores e de uma análise da história política contemporânea nigeriana. Além disso, procura-se avaliar quais as ações conjuntas vêm sendo tomadas pelos Estados fronteiriços e seus efeitos no combate ao extremismo, bem como as oportunidades de consolidação das organizações africanas.

Palavras-chave: Nigéria. Terrorismo. Boko Haram.

ABSTRACT

Recently Nigeria has established itself as a major global player and continental leader. However, its internal instability, stemming from the actions of the insurgent group known as Boko Haram, infers in the (in) security of the region. Hence, the authors seek to elucidate through this article the conjuncture of the country by observing a variety of indicators and analyzing contemporary Nigerian political history. In addition, it assesses what joint actions are being taken by border States and their effects in combating extremism, as well as the opportunities for consolidation of African organizations.

Key-words: Nigeria. Terrorism. Boko Haram.